

Século XXI: educação moderna ou pós-moderna?

HILDA MARIA FREIRE MONTYSUMA

Professora Doutora da Secretaria de Estado da Educação e Desporto de Roraima, Brasil.

JORGE BONITO

Professor Doutor na Universidade de Évora, Portugal.

A polémica entre o moderno e pós-moderno a partir da leitura sociológica, pedagógica, filosófica e outras áreas do conhecimento, tem ocupado um lugar destacado nas discussões sobre temas da atualidade, como resultado da crise de paradigmas.

A sociedade tem passado por conflitos no plano axiológico, ético, de identidade, entre verdade e mito, confirmação e negação da história que repercute diretamente na produção acadêmica e nos rumos que as ciências devem seguir.

Essa ebulição de ideias gerada pelos apologistas da pós-modernidade suscita debates em busca de conhecimentos sobre seus postulados epistemológicos e a sua influência na dinâmica social, com um olhar especial para a educação.

Ravero (1998) alegava que o centro das implicações filosóficas do movimento “pós” são:

[...] aquelas que têm a ver com o surgimento dos transtornos da subjetividade moderna, a crise do ideal e da racionalidade, a incredulidade diante dos “grandes relatos” os discursos universalistas – emancipadores, a chegada da nova experiência estetizada e cosmovisiva, a energia do fragmentado e diferente, a crise do logocentrismo da razão, o pluralismo, o relativismo de experiências. (p. 422)

No entendimento de Featherstone, (2007, p: 20) “falar em pós-modernidade é sugerir a mudança de uma época para outra ou a interrupção da modernidade, envolvendo a emergência de uma nova totalidade social, com seus princípios organizadores próprios e distintos”

Para melhor abarcarmos esse fenômeno é necessário partir da análise, segundo Freiras (1995), de que o capitalismo é um sistema que necessita do conflito para se reorganizar e buscar novas formas de obtenção de lucro.

O avanço da tecnologia permitiu o incremento do capital em escala mundial, como também a criação de consciência coletiva herdada dos países ricos, onde além de exigir menos mão de obra, esta tem que ser cada vez mais habilitada para atender as multinacionais e transnacionais, teve grande influência na educação ao transplantar para as instituições de ensino o modelo gerencial fordista/taylorista que, salvo melhor julgamento, toma forma mais acabada no ensino técnico de nível médio e mais recentemente na abertura de, ou bifurcação, de mestrados acadêmicos e profissionalizantes.

A forma mutante do modelo produtivo, as novas leis de mercado, a competitividade, o novo trabalhador solicitado pelo mercado de trabalho e o novo cliente têm influenciado as políticas educacionais.

Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação

ISSN: 1681-5653

n.º 61/3 – 15/03/13

Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI-CAEU)

Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI-CAEU)



Com a cobrança na redefinição do papel do Estado como ente regulador, à educação se exigiu também um remodelamento da sua função na formação do novo padrão de homem. Já não é suficiente formar trabalhadores que apenas apertem parafusos; são necessários técnicos criativos preocupados com o ecossistema, que geram mais riquezas, que sejam pró-ativos e também consumidores. Por excelência, consumidores.

A ideia de que as mudanças na sociedade devem partir da escola faz recordar a velha insígnia do pensamento positivista, vincada por Gadotti (1998), onde “a liberação social e política passa pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, sob o olhar e controle das elites” (p. 112).

É nesse contexto que emergem as discussões sobre o pensamento pós-moderno ou neotecnicista de educação, com suas distintas formas de nomeação. Freitas (1995) o chama de *pós-moderno* – ou contemporaneidade –, Gadotti (1998) qualifica de pós-moderna multicultural ou educação multicultural; já Morin (1998) estabelece uma estreita ligação entre a *pós-modernidade* e o *pós-estruturalismo*.

Ponderando sobre cada um dos termos acima, enquanto o estruturalismo estuda as partes que integra o todo, o pós-estruturalismo é entendido como a desconstrução, decomposição do todo, com a ideia de romper com a melancolia da rotina e da ordem. Assim, o pós-estruturalismo vem contaminado de reformismo no plano político, na forma de argumentar, na descrença nos modelos de governo vigentes fazendo interpretação da sociedade com petulância, ironia e jogo de linguagem, ainda que reconheçamos o papel da retórica na construção dos discursos.

Por isso assistimos ao recurso de:

[...] o mágico, o imaginário, o poético, como também a paródia, o pastiche, os jogos de linguagem, a inversão de sentido, a reapropriação e ressemantização são recursos e marcas estéticas presentes na pós-modernidade. (RAVELO, 1998, p. 456)

Marca-se, desta forma, o cotidiano da sociedade contemporânea, através de uma espécie de sistema nervoso que perpassa as suas instituições. E podemos afirmar que a cultura local está cindida pela ordem midiática.

Chaga-se a reverenciar o mórbido ao contrário da vida, o sangue, o agressivo, como é possível verificar nos versos de Nietzsche ou nos movimentos mais radicais que fogem do senso comum verificado na ideologia *dark*, *punk*, *hippie* e outras comunidades alternativas onde o conceito de bonito sai do convencional. Ao mesmo tempo que:

[...] ouvimos reggae, vemos um western, comemos um hambúrguer no Macdonald ao meio dia e um prato da cozinha local pela noite, nos perfumamos em Tóquio à moda de Paris, nos vestimos ao estilo retro em Hong Kong, o conhecimento é matéria de concursos televisivos. (LYOTARD, 1989, p. 160)

Apesar de que a concepção artística tenha em sua base o existencialismo, tende a resistir os moldes rígidos e intransigentes. A nova orientação na pós-modernidade é romper com os cânones. Qualquer forma de criação pode ser arte. A música, por exemplo, não é mais composta só de melodia, ritmo, pausas e notas musicais. Pode ter cheiro e imagem como no vídeoclip. Hoje é possível assistir um cantor de ópera interpretar música pop, rock e rap. O que impera é o ecletismo cultural, a liberdade absoluta, tudo é permitido sem obedecer às escolas artísticas, a arte plástica pode combinar o clássico com

o vulgar, onde o público interage com o objeto, pode tocá-lo, manipulá-lo e até mudá-lo ou comê-la como na arte de Dominic Episcopo, da mesma forma Hélio Oiticica – na exposição “Museu é o mundo”, onde foram expostas obras de arte feitas ocupando um espaço em que o público pode entrar e de alguma forma, acaba fazendo parte da criação.¹

Segundo Gadotti (1998), torna-se difícil definir a pós-modernidade pela falta de sua identidade própria, exceto por constituir-se em uma crítica ao modernismo, mas o autor descreve algumas características basais como o avanço da tecnologia, principalmente na comunicação, a falta de identidade dos indivíduos, a ausência de referência e a crise de paradigmas, ou se quisermos ir mais além, podemos falar em ruptura de paradigmas.

Freitas (1995) definiu o pós-modernismo como um aprofundamento do modernismo sob outras condições de exploração do homem. Larraín (1991), no seu artigo “Pós-modernismo e ideologia”, fez sua análise a partir do desenvolvimento de formas estéticas e artísticas e da relação com o pós-estruturalismo: é uma forma exclusiva de sentir e entender o mundo que foram transpostos para as emoções modernistas. Morín (1998), fazendo referência à crítica marxista ao capitalismo, acrescenta que a “modernidade é um estado onde todo o sólido se dissolve no ar, a pós-modernidade (e o pensamento que se associa) é uma chuva de fragmentos resultado do sucessivo processo de condensação e precipitação de um estado de desestímulo” (p. 31).²

Para um melhor entendimento sobre o que é pós-modernidade, pode-se citar alguns parâmetros como indicadores: primeiro, o discurso universal de que a crise do capital é um fator de geração de novos modelos de acumulação que reflete, por sua vez, novos parâmetros culturais e de consumo, que tem sua ênfase no efêmero, no fragmentado, na crise de identidade, na negação da *cultura local (história) como verdade absoluta e na descontinuidade*, pulveriza os sujeitos lançando-os nos braços do mercado com um *home page* na mão. Existe uma espécie de descontinuidade, que não chega a ser uma negação do moderno e que “aparece hoje no comportamento, no modo de pensar, na forma de representar, em tudo” (COELHO, 2005, p. 31). Nesta lógica quem não está fantasiado de acordo com o comercial não é nada, é retrógrado.

[...] O centro da filosofia pós-moderna se situa na ideia do fim ou morte do ser histórico – no sentido tradicional – e da ideia de história – aquela de um curso unidirecional e finalista – para ser recobrados sob outro horizonte de sentido (pós – tradicional). (RAVELO, 1998, p. 445)

Quer dizer que a história vai se resignificando a partir de uma interpretação hermenêutica de que a verdade é relativa, nada é confiável, não existe passado e nada é válido eternamente.

Guadarrama (1998) chama aos filósofos defensores da pós-modernidade de esnobistas, por considerarem sua análise sobre a realidade como a única verdadeira e confiável.

O segundo parâmetro de análise é a repercussão sociológica da pós-modernidade.

¹ Como exemplo de arte efêmera citamos o caso de Dominic Episcopo que construiu quadros de carne e depois comeu com a esposa (www.episcopo.com). Ver também Bruno Moreschi, no artigo “A hora e a vez de Hélio Oiticica”, publicado na Revista Bravo online, em maio de 2009 (<http://bravonline.abril.com.br/conteudo/artesplasticas/hora-vez-helio-oiticica-467195.shtml>).

² Morán cita Marx e Engels: “todo lo que es sólido se evapora en el aire, todo lo que es sagrado es profanado, y los hombres finalmente al encarar la serenidad sus condiciones de existencia y sus relaciones recíprocas”, citado, também, por Havey (2000).

As redes mercantis colocam frente aos nossos olhos as metamorfoses intelectuais mais surpreendentes e radicais: antigos hegelianos vestidos de interpretadores de mitos afrocubanos, velhos democratas convertidos ao fundamentalismo nacionalista, cantores com aspirações poéticas dando saltos nas baladas, desenhistas valiosos empregando seu talento aos desfiles de moda, etc. (MORÍN, 1998, p. 45)

Esta citação ainda que nos remeta à realidade cubana serve para ilustrar o embate que ocorre no comportamento na contemporaneidade mostra um país em que perdura um perfil de socialismo. Mas o contato com o mercado lhe provoca mudanças significativas no plano do modo e meios de produção.

O incremento dos estudos sociológicos tem seu início com o aparecimento de fatos e fenômenos sociais que não foram explorados ainda ou que estão esquecidos como o gosto pela crueldade e atrocidade, o retorno aos movimentos fascistas, os crimes coletivos, entre outros comportamentos que nos faz questionar sobre o verdadeiro significado do termo “civilidade”.

Para LYOTARD³ não existe unidade sociocultural por acreditarmos na ocorrência de culturas no plural. E isto pressupõe a ideia de respeito ao outro. O culto à individualidade, conforme pregado no capitalismo, leva ao surgimento de movimentos xenofóbicos. O paradoxo mais forte é que concomitante ao fortalecimento do direito pessoal de defesa e manifestação das pessoas existe uma anemia social, refletindo no enfraquecimento de movimentos sociais que foram vanguarda no passado. Paralelo ao aprimoramento das leis que regem os direitos humanos universais ainda presenciamos conflitos de gênero, étnico e cultural regional. Por outro lado, existe a “idéia de que todos os grupos têm o direito de falar por si mesmo, com a sua própria voz, e dessa voz ser aceita como autêntica e legítima para o pluralismo pós-moderno” (HARVEY, 2000, p. 52).

O terceiro parâmetro é a negação da história, sem passado e sem futuro, o que vale é o imediato, o caos. Os sujeitos são bombardeados cotidianamente com uma ideia de sociedade, que só tem materialidade se seus desejos estiverem na ordem para serem atendidos em primeiro plano. A vontade do sujeito é suprema! Logo o que impera é o imediato, a sua vontade imediata. Não importa, então, a história, o passado, ou como foi antes dele. Segundo Ravelo (1998), a história é substituída pelo anti-historicismo, uma verdadeira crítica a legitimidade dos relatos históricos, pois tudo é relativo e depende da interpretação de quem a escreve. A queda do bloco socialista é utilizada como exemplo por aqueles que já não creditavam no socialismo para demonstrar que já não existe modelo a seguir, que é necessário romper com o passado.⁴ “Existe no pós-modernismo pouco esforço para sustentar a continuidade dos valores, das crenças ou de descrenças” (HARVEY, 2000, p. 58). Tudo fica repetitivo e a sociedade parece perdida, procurando de forma inconsciente por referência para comportamentos, atitudes, valores, etc. Ao que tudo indica sobre apurar o caráter para orientar as ações das pessoas.

O quarto parâmetro refere-se ao fato que a modernidade não foi ultrapassada e substituída pela pós-modernidade. Vamos considerar que países do ocidente encontrem-se no plano pós-technicista, com meios de comunicação, indústria, entre outros, extremamente desenvolvidos, entretanto países da América Latina ainda estão descobrindo etnias indígenas pré-colombianas que ainda não tiveram contato com não

³ LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. São Paulo: José Olympio, 2002.

⁴ “O critério de que queda do socialismo real constitui um momento de acessão na história humana não pode ser atribuída aos pós-modernistas tão reacionários a qualquer concessão a idéia de progresso humano, ainda que não ocultem sua simpatia” (RAVELO, 1998, p. 135).

indígenas. Outros se autodenominam modernos, mas ainda não conseguiram praticar o slogan da igualdade, fraternidade e liberdade. É o que Ravelo (1998) chama de “pseudo modernidade” (p. 447).

O quinto e último parâmetro consiste na estreita relação entre educação, conhecimento e desenvolvimento e é a partir desse tripé que se amplia o debate sobre o futuro do ensino superior com destaque para o seu papel dentro da sociedade, influenciando ainda reformas educacionais em países como Brasil, Argentina, Chile, Estados Unidos, Inglaterra, Holanda, Portugal, Coréia, México, entre outros.

Em maior grau em uns ou em menor grau em outros, esses países concentraram suas reformas na linha da equidade, valor, massificação da alfabetização, formação básica e criação de novas tecnologias. Qualquer que seja a direção, as políticas se direcionam em busca da eficiência, qualidade, produtividade e competência.

Assim, incrementam-se o ensino interdisciplinar, educação por módulos, em alguns lugares ocorre à volta às cátedras e a controvérsia entre o específico-regional e o multicultural, além disso, assistimos a uma privatização do ensino progressiva.

Dentro do atual cenário, a educação adquire características que García (1995) chama de “valor econômico do conhecimento. Os poderes políticos e econômicos estarão cada vez mais pautados na acumulação de conhecimento e criação de tecnologias. De maneira que a educação se converte em um mercado relacionado diretamente com as indústrias que exige um profissional mais qualificado e competente. E não esqueçamos, que no caso do Brasil, já há algum tempo ocorre uma discussão para que o país abra seu “mercado” de ensino ao Capital Internacional.

A educação deixa de ser tarefa só das instituições de ensino, “frente à necessidade de formar os indivíduos [...] a sociedade em seu conjunto está integrada no processo educativo. Cada um, conforme o momento pode encontrar-se na situação de aluno ou educador” (POURTOIS e DESMET, 1999, p. 35). A ação pedagógica, desde os gregos/romanos, deixou de ser monopólio da escola, todos são responsáveis políticos pela educação. Eliminam-se as fronteiras entre o que ensina e o que aprende em uma constante interação.

Segundo Pourtois e Desmet (1999), haverá uma forte preocupação com os valores, questão que deixa claro no seu livro “A educação pós-moderna”.

[...] A pedagogia pós-moderna verá a difusão e articulação dos conhecimentos, trabalhará sobre as opiniões, as atitudes e a personalidade, entrará no mundo dos valores ao contrário de restringir-se as áreas da utilidade. [...] O ato educativo constitui um ato normativo, pois é regido por normas e valores. (idem, pp. 38, 207)

Os autores citados destacam ainda Célestin Freinet como um pós-moderno, ainda que sua pedagogia tenha sua origem na modernidade e aponta algumas características de tal afirmação:

uma concepção humanista, no sentido de que seu centro está na criança, com seus interesses e suas motivações profundas; uma concepção experimental, pois seu promotor fundamental é a busca experimental; uma concepção behaviorista, pois não negligencia de nenhuma forma um trabalho autônomo; uma concepção institucional, pois insita as crianças a tomar decisões que lhe dizem respeito ou que se referem ao seu meio, no processo dos conselhos de classe; uma concepção marxista, na medida em que é capaz de entrar na escola com os componentes sociais e econômicos e luta a favor da escola popular. (idem, p. 42)

Em alguma medida o descrito por Portoís e Desmet faz sentido, se for levado em consideração que uma das características da pós-modernidade é o fim do cânone como limitador da criação e produção de idéias. Porém, a mescla de concepções pedagógicas verificadas na citação acima por si só não caracteriza a pós-modernidade, porque é natural recorrer a mais de uma concepção pedagógica na prática educativa, visto que nenhuma seja abarcadora o suficiente para formar o homem que a sociedade atual necessita. Para Connar, (2004, p. 17). “Em lugar de perguntar o que é o pós-modernismo, devemos perguntar: onde, como e por que o discurso do pós-modernismo floresceu? O que está em jogo em seus debates? A quem se dirige e de que maneira”.

O pós-modernismo (neotecnicismo ou multiculturalismo) como tendência pedagógica, tem se desenvolvido a partir da idéia do incremento da produção por meio da educação.

O neotecnicismo é uma volta à cultura tecnicista, que absolutizou a educação nos meios de ensino e suaviza a relação sujeito (professor e aluno) com os meios de ensino. De certa maneira possui as mesmas bases do paradigma tecnicistas levando a uma dificuldade de delimitação no estabelecimento de onde termina o tecnicismo e começa o neotecnicismo. Porém é possível vaticinar como pode ser a educação em tempos de sociedade globalizada tão mutante. Não podendo eliminar o passado, pela sua gênese, a educação possui uma caráter sistêmico e uma mistura que oscila do behaviorismo às teorias críticas.

O pós-modernismo coloca sua ênfase nos meios de ensino, na utilização de recursos didáticos como multimídias, entre outros, na forma de ensinar, na relação professor-aluno e nos aspectos subjetivos de aprendizagem que estão relacionadas com a adequação às concepções críticas. Os meios de ensino continuam com o mesmo papel, todavia com uma interação ativa entre sujeito e objeto. O aluno tem a oportunidade de aprender na prática – aprender fazendo – e o professor é o orientador das atividades, o amigo do aluno, um facilitador ou uma ponte entre o aluno, os meios de ensino e o saber elaborado.

Apesar de muito semelhante às pedagogias não diretivas, o trabalho do professor como facilitador, não tem o mesmo sentido, parte do princípio de que ainda que o aluno deva dominar técnicas, ser competente, hábil e principalmente criativo, suas capacidades só serão desenvolvidas se forem disponibilizados meios de estímulo de sua subjetividade.

Pode-se dizer que a demarcação de limite entre tecnicismo, pedagogias não críticas e pós-modernidade (ou neotecnicismo) é que o primeiro centra sua atenção no técnico e para o segundo não basta ser eficiente, no caso do professor, é necessário que seja competente para criar, um conhecedor das teorias psicopedagógicas como elemento indispensável para compreender o homem. Envolto nesse emaranhado de concepções, parafraseando Hargreaves (2005), muitos professores desenvolvem complexo de culpa por muitas vezes não conseguir atender nem uma coisa nem outra, ou seja, não conseguir atender ao técnico e ao psicológico ao mesmo tempo.

De acordo com Gadotti (1998) “o pós-modernismo na educação trabalha mais com o significado do que com o conteúdo, muito mais com a intersubjetividade e pluralidade que com a igualdade e a unidade” (p. 312). A questão medular para Maclaren (1992) é que:

os professores devem abordar é o desenvolvimento de narrativas multiculturais que dêem atenção a especificidade (histórica, cultural) da diferença (em termos de raça, classe, gênero, preferência sexual, etc) e

que ao mesmo tempo apele para a coletividade de outros diversos dentro da lei e respeitando os princípios universais da igualdade e da justiça. (p. 65)

O conceito multicultural tratado por MaClaren não significa ausência de conflito. O professor trabalhar de forma multicultural, plural não significa eliminar as diferenças o que encaminha para o grande desafio de como lidar com o plural e o subjetivo sem cair na discriminação.⁵ Inclusive, na delimitação dos conteúdos curriculares, como eliminar o etnocentrismo e subjetivismo do próprio professor?

Em termos interpretativos existe uma unanimidade entre os teóricos aqui estudados: o pós-modernismo, de uma maneira ou outra, é uma nova forma de explicar o mundo. Não é nem a eliminação ou superação total do modernismo, é uma perspectiva de interpretar e entender o caminho da civilização a caminho de séculos futuros. "Um pensamento que trate de apreender esses novos estados da realidade será, pela constituição de seu objeto, um pensamento novo" (Morín, 1998, p. 49).

Nem tudo relacionado com o pós-modernismo é negativo. Por exemplo, a incredulidade diante dos discursos totalizadores tem aberto caminho a novas leituras para as verdades universais, é possível pensar em novos paradigmas. Também podemos destacar o incremento do debate sobre questões ambientais, interdisciplinares e axiológicas – principalmente ética, além do debate considerando as ditas minorias.

A crise de paradigma se expande a todos os tipos de movimento. Especificamente falando dos cursos de formação de professores. Como reflexo da presença do pós-modernismo, constata-se um dualismo que conflita entre formar o técnico sem negar o humanismo. Como formar professor integral (no sentido de unificar o erudito, o técnico e o humanista) sem conseguir mergulhar, na prática, nas condições sociais em que vivem o aluno e na realidade que atuará. Nesse sentido os cursos terminam por enfatizar o imediato, as habilidades e a técnicas de ensino, considerando elementos mais práticos da profissão.⁶

Os conteúdos não são negados no pós-modernismo, mas busca-se seu verdadeiro significado que assumem alto grau de importância para o homem, estabelecendo um equilíbrio entre o universal e o local, o particular e o coletivo. "Por isso a instituição de ensino tem que ser local como ponto de partida, mas tem que ser internacional e intelectual como ponto de chegada" (GADOTTI, 1998, p. 312).⁷ Exigi-se à instituição de ensino uma perfeita integração com a sociedade, que deverá ter autonomia para manter uma atuação coerente com a sociedade que se quer projetar.

Em termos da autonomia defendida pelos pós-modernistas, pelos estudos realizados, não fica claro a que tipo de autonomia se refere. Trata-se da autonomia política, econômicas, ou ambas. Autonomia em relação a quem ou a que. Autônoma do Estado ou da indústria. A preocupação em responder a estes questionamentos consiste em que por trás do discurso de autonomia das instituições de ensino esteja a defesa escamoteada da concepção neoliberal que considera que o Estado deve intervir o menos possível nas decisões deixando o mercado ser o grande regulador, inclusive determinando o caminho que a educação deve seguir.

⁵ MaClaren aprofunda algumas categorias como diferença e diversidade, individualidade e pluralidade, identidade, democracia. "A diferença não é sinônimo de obviedade, não é negro verso branco ou latino verso europeu, mas que isso as diferenças são construções históricas e culturais" (*idem*, p. 70).

⁶ Aqui não se considera as reformas que têm passado alguns cursos de ensino superior, pois nem sempre a política de Estado consegue as mudanças necessárias pelo simples fato que não se faz reforma só no decreto. A maioria das reformas na educação que tem passado os países trata-se mais de política administrativa e não política de Estado.

⁷ Ver também Montysuma, H. e Pacheco, L. (2000). Tendencias pedagógicas e postmodernidad. *Boletim do Museu Integrado*. Boa Vista, Roraima, 6, p. 44.

Segundo Gentili (1996):

[...] o Estado neoliberal é mínimo quando deve financiar a escola pública e máxima quando define de forma centralizada o conhecimento que deve circular pelos estabelecimentos educacionais, quando estabelece mecanismos verticalizados e antidemocráticos de avaliação dos sistemas e quando retira a autonomia pedagógica das instituições e dos atores coletivos da escola, entre eles, principalmente, dos professores. Centralização e descentralização são as duas caras de uma mesma moeda: a dinâmica autoritária que caracteriza as reformas educacionais implementadas por governos neoliberais. (p. 27)

Parece evidente que volta a apresentar-se outro paradoxo: o ideal de homem e de educação que aspiram os pós-modernistas não pode ser almejado a partir de uma política neoliberal. Cabendo perguntar como conseguir uma educação humanista para todos se a política neoliberal fomenta o elitismo e tem levado a crise na educação pública, ou será que se fala em humanismo onde não se leva em consideração a maioria?

Se a regra é a desconstrução, a negação da negação? O caminho não seria acabar com governos que utilizam a educação como proselitismo de campanha sem, no entanto, terem definido políticas de Estado.

Entende-se que não é suficiente realizar reformas, são necessárias modificações profundas; substituir uma concepção por outra não resolverá o problema. É preciso considerar que as transformações no sistema educacional não são suficientes para modificar as relações entre os homens, mesmo porque as formas como são estabelecidas as relações entre os homens na produção de bens e riquezas é que determinam as relações na educação.

A pós-modernidade é a inversão nas distintas práticas da sociedade (econômica, política e social). Por simular tais práticas ela se apresenta de maneira bem variada, por isso tem encontrado ressonância na sociedade, já que tenta traduzir as diferenças, as dificuldades de comunicação, as complexidades e os matizes de interesses, cultura e lugares.

O que importa é construir um modelo de educação onde os valores éticos e morais universais sejam fortalecidos, onde não exista espaço para autoritarismo. Que as relações sejam de respeito, camaradagem e solidariedade. Onde as instituições de ensino sejam espaços de alegria, onde se aprenda e se troque conhecimentos, onde seja expurgada toda forma de discriminação e preconceito.

Referências bibliográficas

- COELHO, J. Teixeira. (2005). *Moderno pós-moderno: modos e versões*. (5ª ed.). (Revisão: Otacílio Fernando Nunes Júnior), São Paulo: Iluminuros.
- CONNAR, Steven. (2004). *Cultura pós-moderna*. (5ª Ed) (trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves). São Paulo: Loyola.
- FEATHERSTONE, Mike. (2007). *Cultura de Consumo e pós-modernismo*. (trad. Julio Assis Simões), São Paulo: Studio Nobel.
- FREITAS, L. C. (1995). *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. São Paulo, Brasil: Papirus.
- GAGOTTI, M. (1998). *História das idéias pedagógicas* (6.ª ed.). São Paulo, Brasil: Ática.
- GARCÍA, C. (1995). Globalización y conocimiento en tres tipos de escenario. *Educación Superior y Sociedad*, 6(1), 81-101.

- GENTILI, P. (1996). "Neoliberalismo e educação: manual do usuário", en GENTILI, P. y SILVA, T. (Orgs.), *Escola S/A: Quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo*. Brasília, Brasil: Edição CNTE.
- GUADARRAMA, P. (1998). *Humanismo, marxismo y postmodernidad*. La Habana: Ciencias Sociales.
- HARGREAVES, A. (2005). *Profesorado, cultura y postmodernidad: Cambian los tiempos, cambia El profesorado*. (5ª ed.). Madrid: Morata.
- HARVEY, D. (2000). *Condição pós-moderna*. São Paulo, Brasil: Edições Loyola.
- MORÍN, E. (1998). *La escritura y el límite*. La Habana, Cuba: Editorial Letras Cubanas.
- LYOTARD, J. F. (1989). "Que será la posmodernidad, en N. Casullo (compilador), *El debate modernidad – posmodernidad*" (2.ª ed.), Buenos Aires, Argentina: Editores Puntosur.
- LYOTARD, Jean-François. (2002). *A condição pós-moderna*. São Paulo: José Olympio.
- MACLAREN, P. (1992). *Hacia una crítica de la formación de la identidad postmoderna*. Paraná, Entre Ríos, Argentina: Ediciones Facultad de Ciencias de la Educación – Universidad Nacional de Entre Ríos.
- POURTOOIS, J.-P. y DESMET, H. (1999). *A educação pós-moderna*. São Paulo, Brasil: Loyola.
- RAVELO, P. (1998). "Modernismo, postmodernidad y postmodernismo en América Latina", en P. Guadarrama, *et al.*, *Filosofía en América Latina*. La Habana: Editorial Félix Varela.